



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE POLÍTICA E GESTÃO EDUCACIONAL

SARA ELIZABETE SILVESTRE SILVA

**PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO COM BASE NO MÉTODO FÔNICO E NA
CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO.**

Recife
2022

SARA ELIZABETE SILVESTRE SILVA

**PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO COM BASE NO MÉTODO FÔNICO E NA
CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciado(a) em Pedagogia.

Aprovado em: 10/11/2022

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves Pessoa (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Maria Sandra Montenegro Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Me. Emanuelle da Silva Ferreira (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Práticas de alfabetização com base no método fônico e na concepção de alfabetização na perspectiva do letramento.

Sara Elizabete Silvestre Silva¹
Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves Pessoa²

Resumo

Considerando o retorno dos antigos métodos de Alfabetização, esse artigo analisa a prática de duas professoras alfabetizadoras, em que uma pauta suas práticas no método fônico enquanto a outra na perspectiva do letramento e ambas atuam na rede pública de ensino, buscando compreender as características do método e concepção estudados e discorrer em seus modos de abordagem. Assim, a pesquisa é de cunho qualitativo e classificada como uma pesquisa de campo, na qual a coleta de dados se baseou em entrevistas semiestruturadas e observações de um dia para cada participante. Através de um processo de categorização das informações obtidas, os resultados foram analisados e divididos nos seguintes eixos principais: características do método/concepção e prática pedagógica. Os resultados demonstraram algumas limitações do método fônico em habilidades linguísticas importantes no processo de alfabetizar, além de não considerar os conhecimentos prévios dos discentes no processo de aprendizagem e enxergar a escrita apenas como um código a ser memorizado por meio de uma relação grafofônica. Em contrapartida, a concepção do letramento apresenta seu envolvimento com os tipos de gêneros textuais que se encontram em uma esfera social e cultural e, a partir dos mesmos, acarreta reflexões sobre o sistema notacional e, conseqüentemente, favorece o estudo das regras e propriedades do sistema de escrita alfabética (SEA). Concluímos que a alfabetização por meio do método fônico limita-se a um processo de codificação/decodificação, enquanto que a Alfabetização na perspectiva do letramento permite mesmo antes do domínio da escrita convencional maior inserção aos eventos de letramento.

Palavras-Chave: Alfabetização; Método fônico; Letramento.

1 Introdução

Muito se discute sobre a alfabetização no Brasil. O fracasso nesse processo e os índices de analfabetismo sempre foram preocupação entre estudiosos do tema. Diante desse quadro, sempre se discutiu qual seria o melhor método para que os aprendizes pudessem aprender mais facilmente a ler e a escrever. É válido ressaltar, que outros aspectos também estão relacionados às barreiras encontradas ao longo do processo de Alfabetização e que refletem no fracasso de alguns aprendizes, entretanto focaremos nesse estudo nos métodos e seus debates.

Dessa maneira, podemos delimitar os métodos entre os sintéticos (alfabético, fônico e silábico) e os analíticos (palavração, sentencição e global). Esses métodos são denominados de tradicionais, partem da concepção behaviorista, na qual considera o aluno como um ser desprovido de conhecimentos e o professor é visto como aquele que impõe as informações necessárias e que decorre dos erros e acertos para propor punições e premiações. Já na

¹ Concluinte do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. sara.silvestre@ufpe.br

² Professora do Departamento de Ensino e Currículo do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, tendo sido orientadora do primeiro autor deste artigo. E-mail: ana.gpessoa@ufpe.br

perspectiva da Alfabetização, utiliza de cartilhas e textos não significativos, através de um ensino repetitivo, no qual a escrita é considerada como um código.

O surgimento da discussão da Psicogênese a partir das pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1985) leva à reflexão de que a escrita não é um código e sim um sistema que precisa ser compreendido pelos aprendizes. Essas pesquisadoras têm a influência da concepção construtivista que parte de princípios defendidos por Jean Piaget. A teoria tem por base a ideia da construção do conhecimento, partindo assim de um indivíduo ativo no processo de Alfabetização. Além disso, promove uma nova compreensão dos erros, esses são considerados parte de um caminho para a construção do conhecimento.

Na mesma época (década de 80) também são conhecidos no Brasil os estudos do letramento, coincidindo também com outros países que iniciaram o mesmo movimento, como Estados Unidos, França, Portugal, entre outros. Porém, em cada país o conceito de letramento sofreu alterações de acordo com o contexto de cada um deles e, no território brasileiro, tal termo mostrou-se enraizado ao conceito de Alfabetização. Surge, a partir da divulgação da psicogênese e dos estudos do letramento, fortes críticas aos métodos tradicionais de alfabetização (sintéticos e analíticos). Uma nova concepção de alfabetização aparece nesse cenário: a ideia de que a aprendizagem da leitura e da escrita pode ser alcançada a partir da imersão da criança nos gêneros textuais e diferentes tipos de textos que circulam socialmente, além de, simultaneamente, abordar o estudo das regras e propriedades presentes no sistema de escrita alfabética (SEA).

Baseada nessa perspectiva, evidencia-se uma terceira concepção de alfabetização: alfabetização na perspectiva do letramento. Segundo Leal (2015) e Leal et al (2020) o processo de alfabetização comporta diferentes dimensões que devem ser vivenciadas pelo docente na sua prática com os estudantes: (1) aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e da ortografia; (2) Desenvolvimento de habilidades de produção e compreensão de textos orais e escritos; (3) Conhecimentos sobre as práticas sociais de uso da escrita e oralidade e dos gêneros; (4) Conhecimentos sobre a língua, e (5) Aprendizagem de diferentes conhecimentos por meio da leitura, da fala e da escrita, significativos e importantes para a participação das crianças nas diferentes esferas sociais e fortalecimento de suas identidades sociais.

Os avanços nas discussões do processo de alfabetização impactaram em políticas públicas e nas formações continuadas de professores alfabetizadores em âmbito Nacional como, por exemplo, o Programa de Professores Alfabetizadores (Profa), lançado no ano de 2000; Pró Letramento, lançado no ano de 2005; e o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic), lançado em 2012. O Profa baseado nos estudos da Psicogênese da escrita de Ferreiro e Teberosky (1985), oferece novas propostas de Alfabetização. Os outros dois programas ampliam as discussões de Alfabetização, investindo na concepção da Alfabetização na perspectiva do letramento. Porém, a partir de 2019, indo de encontro aos avanços de pesquisas brasileiras na

área da educação e do investimento em formações de professores, observamos um retorno a defesa dos antigos métodos de alfabetização em instituições de ensino, em especial o método fônico (sintético), imposto pelo atual governo brasileiro.

Com base nessa discussão, o presente projeto de pesquisa tem por objetivo geral analisar práticas docentes de Alfabetização com base no método fônico e na concepção de alfabetização na perspectiva do letramento. E como objetivos específicos identificar a prática de professoras alfabetizadoras de acordo com a concepção de Alfabetização adotada; identificar as atividades desenvolvidas pelas docentes participantes do estudo no eixo de análise linguística com foco na apropriação do sistema de escrita alfabética (SEA).

2 Concepções de alfabetização: método fônico e alfabetização na perspectiva do letramento.

A história da escrita é pautada em uma série de transformações até a concretização dos métodos e concepções de Alfabetização que são discutidos desde então. Segundo KLEIN (2011), é possível segmentar a história da escrita em três períodos importantes, são eles: a escrita pictográfica, a ideográfica e a alfabética. Ao decorrer dos anos, a escrita foi se modificando dos desenhos para letras e obtendo um valor fonético, isto é, se relacionando diretamente com a oralidade e evidenciando a necessidade de métodos e concepções para que fossem aplicados com o intuito de ensinar o ler e escrever as crianças no processo de Alfabetização.

As concepções de Alfabetização norteiam todo o processo de alfabetizar, tomando como princípios métodos, compreensão de quem é o docente e discente nesse meio. Dessa forma, a concepção Behaviorista foi fundamentada em uma ideologia baseada na superioridade do professor perante o aprendiz, associando momentos de punições e premiações, sendo também refletido no desenvolvimento da Alfabetização, na utilização de cartilhas e um ensino repetitivo, sem que houvesse um valor significativo ao aluno e a escrita considerada como simplesmente um código. Tal concepção tradicional foi estruturada a partir dos métodos tradicionais, sendo eles: métodos sintéticos (alfabético, fônico e silábico) e os analíticos (palavração, sentenciação e global). Entretanto, a Alfabetização na perspectiva do letramento também tomou lugar entre as concepções de Alfabetização, que também será abordada posteriormente.

Entre as concepções tradicionais, focaremos no método fônico, sendo o mesmo aquele que fundamenta seu ensino a partir da letra como unidade fonética, em que “começa-se ensinando a forma e o som das vogais”, em seguida, “apresentam-se as consoantes, estabelecendo-se entre elas relações cada vez mais complexas” (BRASLAVSKY, 1988, p. 42). Assim também como MORAIS (2006, p. 8) define o método fônico: “é a proposta de ensinar os alunos a pronunciar isoladamente as unidades fonológicas mínimas – os fonemas – e a memorizar as letras que as notam (isto é, que os representam graficamente)”.

Dessa maneira, tal método busca nos docentes, essencialmente, a codificação e decodificação de palavras, através de um treino repetitivo e apelativo para a memorização das relações grafema-fonema e a fragmentação das palavras em fonemas. Além disso, não apresenta uma preocupação nas habilidades e competências ligadas a utilização do SEA (Sistema de Escrita Alfabética) como ações e contextos sociais.

Segundo MORAIS (2006), o método fônico tende a

(...) levar o aprendiz a pronunciar isoladamente cada um dos fonemas de uma palavra – é antinatural, inaceitavelmente complexa para quem não fez um curso de fonética ou fonologia em nível de graduação. Tratá-la como pré-requisito para a alfabetização seria promover exclusão ou, no mínimo, exigir uma sobrecarga cognitiva desnecessária para os aprendizes que conseguissem sobreviver ao método. (...) não podemos esquecer que os materiais didáticos de extração fônica, “preparados para alfabetizar”, submetem a criança a textos surrealmente artificiais e limitados, contribuindo para a deformação das competências envolvidas na leitura e na produção de textos. (MORAIS, 2006, p.11)

Diante disso, o método fônico se enquadra em um método de treinamento, resumindo a escrita em um simples código que apresenta a relação entre grafema/fonema.

A concepção de letramento no processo de Alfabetização surge no Brasil por volta dos anos de 1980, apresentando sua influência também em outras localidades mesmo que com conceitos definidos de acordo com o contexto inserido. Partindo desse ponto, é válido citar que as diferentes concepções e métodos foram criados com o intuito de superar lacunas marcadas pelos anteriores, como forma de superá-las (BRASLAVSKY, 1988), desse modo, segundo SOARES era visto “a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita” (2004, p. 6). O anseio de uma nova abordagem da Alfabetização se instalava como forma de suprir dificuldades deixadas pelos métodos tradicionais.

Segundo Magda Soares (2020, p. 27), o conceito de letramento é baseado nas “capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades variadas”, sendo essas habilidades como “interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros textuais”, o “interesse e prazer em ler e escrever”, entre outras.

É válido ressaltar que as mudanças na concepção da alfabetização no Brasil começaram a partir de 1960 e 1970, em que o paradigma behaviorista passa a ser confrontado com o paradigma construtivista, pautado no estudo da psicogênese da língua escrita através dos relatos de Emília Ferreiro. Essas transformações resultaram em quesitos importantes como o protagonismo do aluno no processo de aprendizagem, levando em consideração o erro como construtivo e não como motivo de punição. Além disso, era entendido que ocorria uma construção do conhecimento pelo estudante e a aprendizagem se dava por meio de materiais significativos.

De forma errônea, muitos profissionais negligenciam a teoria da psicogênese, visto que

minimizam a ação e aprendizagem do SEA e evidencia de forma exagerada a interação de alunos com escritas diversas, confiando em um processo de alfabetização sem uma parcela alfabetizadora. Essa realidade muito se assemelha ao que afirma a autora Berta Braslavsky:

É lamentável que a polêmica no âmbito dos métodos seja mantida. Especialmente quando não se trata mais do combate entre dois inimigos: os métodos fonéticos e globais. Agora, a solução consistiria em suprimir ambas as partes da contenda, declarando a guerra total aos métodos e também à educação formal e à pedagogia. (BRASLAVSKY, 1988, p. 47)

Os métodos, de forma isolada, não serão um “remédio milagroso” para o processo de alfabetização, pois a concepção pedagógica também acarreta benefícios quanto as suas perspectivas sociais e culturais, sem que haja uma superioridade de um em detrimento do outro. Segundo Artur Gomes de Moraes:

Não existe nenhuma oposição em alfabetizar e letrar ao mesmo tempo. Para não promover exclusão, o ideal é aliar um ensino sistemático da notação alfabética com a vivência cotidiana de práticas letradas, que permitem ao estudante se apropriar das características e finalidades dos gêneros escritos que circulam socialmente. (MORAIS, 2006, p. 12)

3 Metodologia

A pesquisa é de cunho qualitativo. Segundo Bodgan e Biklen (1982 apud ANDRÉ; LÜDKE, 1986, p. 11-13) a pesquisa qualitativa segue pontos como o contato do pesquisador com o campo de pesquisa (nesse caso, a escola), a obtenção dos dados através de um processo descritivo e uma valorização dos depoimentos dos sujeitos participantes.

Nessa perspectiva, foi realizada uma pesquisa de campo, tendo em vista os objetivos preestabelecidos, como a análise das práticas docentes no processo de Alfabetização de acordo com as implicações do método fônico e na perspectiva do letramento. Assim, a coleta de dados foi pautada através dos métodos de observação e entrevista semiestruturada, nos quais necessitam de um planejamento definido sobre o local, sujeitos e objeto de estudo que o projeto de pesquisa delimita, e, posteriormente, analisados a partir da categorização e discussão dos mesmos.

A entrevista semiestruturada foi realizada com os sujeitos participantes da pesquisa que se enquadram nos seguintes critérios: (1) Duas professoras alfabetizadoras que estejam exercendo suas práticas na série 1º ano do Ensino Fundamental I; (2) Uma das docentes deve utilizar o método fônico para o processo de Alfabetização, enquanto a outra profissional baseia-se na perspectiva do letramento; (3) Ambas devem ter ligação com instituições da rede pública. Dessa forma, o método da entrevista semiestruturada foi escolhido para atender pontos defendidos e evidenciados por LUDKE e ANDRÉ, em “que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente” e “permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas” (1986, p. 34).

Através elaboração de um roteiro de entrevista e a sua aplicação com as professoras que participaram da pesquisa, sendo ambas atuantes na rede pública de ensino do Recife, foram abordados assuntos como o planejamento das mesmas, a abordagem dos métodos e concepções durante as aulas, os níveis de escrita apresentados pelos estudantes que compõem as turmas, a rotina, a dinâmica e os possíveis temas que surgiram durante o diálogo.

Outro instrumento de coleta de dados, assim como a entrevista semiestruturada, a observação foi um método para obter informações como a rotina da prática de professoras alfabetizadoras de acordo com a concepção de Alfabetização adotada e a identificação e análise das estratégias didáticas usadas, sendo registradas através de anotações e fotografias. As observações foram contabilizadas e realizadas durante um dia com a docente que adota as implicações do método fônico no processo de Alfabetização e um dia para a professora que baseia suas práticas pedagógicas na perspectiva do letramento, nas quais são efetuadas nas escolas da rede pública de ensino, especificamente, nas turmas de 1^{os} anos.

A partir da obtenção dos conteúdos coletados, a construção do conjunto de categorias descritivas foi de extrema importância, visto que possibilitou a análise das informações e uma correlação entre trechos e os referenciais teóricos que serão discutidos. Nessa visão, podemos considerar que “A categorização, por si mesma, não esgota a análise. É preciso que o pesquisador vá além, ultrapasse a mera descrição, buscando realmente acrescentar algo à discussão já existente sobre o assunto focalizado. Para isso ele terá que fazer um esforço de abstração, ultrapassando os dados, tentando estabelecer conexões e relações que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações” (ANDRÉ; LÜDKE, 1986, p.49).

Sendo assim, a pesquisa tem como comprometimento discutir as práticas pautadas no método fônico e na perspectiva do letramento no processo de Alfabetização, como também os seus respectivos impactos (através das atividades, interação e participação) e o avanço e a externalização do conhecimento por parte dos discentes.

4 Apresentação e Análise dos Dados/ Resultados

Nas próximas etapas da pesquisa, serão apresentados e analisados os dados coletados por meio das entrevistas e observações realizadas. Dessa maneira, as informações serão apresentadas em dois principais eixos: características do método/concepção e prática pedagógica. A divisão e ênfase nas categorias apresentadas demonstram um destaque maior, visto que a primeira se compromete a discutir os pontos principais do Método Fônico e da perspectiva do Letramento no processo de Alfabetização, já a segunda que, através das entrevista e observações, tem por objetivo focar nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras que fizeram parte da pesquisa, compreendendo assim a aplicação do método/concepção na realidade de escolas da rede

pública de ensino, voltado para turmas do 1º ano e por docentes alfabetizadoras. Além de pontuar envolvimento dos estudantes na prática de alfabetização adotada.

O quadro 1 apresenta os perfis dos sujeitos que participaram da coleta de dados, sendo destacados as características essenciais para o desenvolvimento do projeto. É válido ressaltar que, para garantir o sigilo de forma ética, a docente que usa o método fônico será chamada de PF e a docente que afirma alfabetizar na perspectiva do letramento será chamada de PL.

Quadro 1. Caracterização das participantes

DOCENTE	FORMAÇÃO	TEMPO DE FORMAÇÃO	TEMPO COMO PROFESSORA ALFABETIZADORA	ANO QUE LECIONA
PF	Graduada em Pedagogia e cursando a especialização em Neurociência Educacional	7 anos	2 anos	1º e 2º ano
PL	Graduada em Pedagogia e Especialização em Alfabetização	14 anos	19 anos	1º ano

Fonte: A autora, 2022.

A partir dos dados apresentados no quadro 1 observamos que apesar de PF ter sete anos de formada, ainda apresenta pouca experiência como professora alfabetizadora (2 anos), quando comparada com a professora PL. Contudo, ambas as docentes se mostraram seguras ao falarem sobre as escolhas da abordagem usada no processo de alfabetização de seus alunos.

Compreender e selecionar métodos ou concepções para o processo de Alfabetização deve partir não apenas da estrutura e contexto geral que se encontra a turma ou instituição escolar, pois a ideia do que é Alfabetização e como o educador enxerga tal conceito tem total relevância e reflexo em suas práticas pedagógicas. Pensando nisso, o quadro 2 informa as respostas das professoras quando questionadas sobre o que entendem por Alfabetização durante a entrevista.

Quadro 2. Concepções de Alfabetização

PROFESSORAS	O QUE É ALFABETIZAÇÃO PARA VOCÊ
PF	É um processo que começa dentro do conhecimento de letra, até um entendimento de um texto. E as letras elas têm um significado, as palavras elas têm um significado... então é isso tem que ser construído na vida da criança. Então esse processo onde a criança vai estar se apropriando de algo que já existe que é a escrita. Ele vai estar se apropriando... então desde o conhecimento da letra até os sentidos das palavras, é porque muitas vezes a gente quer já pular o sentido das palavras pra depois ir para a letra (...), mas o escrito é algo diferente. Então é trazer algo que não é palpável, é abstrato para a mente da criança e ela incorporar isso a algo concreto ao fazer essa ponte. Então isso é um processo de construção. Não é de

	uma hora pra outra.
PL	Alfabetizar é... os meninos aprenderem né. As letras, sons das letras e a consciência e nome das letras. E no processo ir juntando e formando palavras. (...) A gente trabalha nessa perspectiva do letramento. Trazendo aos textos que ficam mais próximos da criança para facilitar esse processo de alfabetização. Também inserir ela nesse contexto e letramento.

Fonte: A autora, 2022.

A partir da análise das falas, é possível compreender as perspectivas acerca do conceito de Alfabetização pelas docentes, em que podemos destacar a preocupação do conhecimento e entendimento sobre o que é letra e texto citado pela PF. Entretanto, seguindo toda a narrativa que acarreta o significado das letras como algo desenvolvimento ao decorrer da vida da criança, enfatiza e defende não mais o contexto/sentido das palavras e, conseqüentemente, das letras e sim o inverso. Esse raciocínio é uma das principais características do Método Fônico, pois, como já citado nas etapas anteriores, é levado em consideração a memorização das letras (códigos) a partir da reprodução e relação grafema-fonema de forma isolada. Porém, a escrita não é um código, pois o conceito de tal termo denota a ideia de um recurso substitutivo, ou seja, se apropriar de um recurso já existente (sistema notacional) e o substituir para símbolos que serão utilizado por poucos indivíduos para fins específicos e sem regras, em que sugere um perfil racional e limitado (Morais, 2005). Alguns exemplos de códigos são: Morse, Braille, Binário, entre outros.

Dessa forma, a escrita não se resume apenas na decodificação de letras isoladas em fonemas, mas ela faz parte um sistema notacional, em que agrega a compreensão ampla da língua e seu uso em um contexto social e cultural, utilizado por várias pessoas e que é constituído por regras e propriedades. Moraes, ao citar Nelson Goodman (1976), concorda que

a atividade humana de notar com aqueles sistemas corresponde a usar caracteres (símbolos como letras, algarismos, notas musicais, etc.) de um sistema simbólico convencionalizado, que atende a certas propriedades, para poder substituir objetos da realidade de modo fiel (MORAIS, 2005, p. 34)

Diante disso, o processo de Alfabetização, no entendimento de sistema notacional, é que a criança seja exposta a diversos tipos de textos usados socialmente e crie significados para a formação de estruturas, ou seja, regras e propriedades do sistema de escrita alfabética (SEA). É justamente nesse sentido que a concepção do Letramento se baseia e se funde com a ideia de Alfabetização, como citado por Soares (2004). Portanto, o caminho que o processo alfabetizador, nessa visão, deve decorrer a partir da compreensão do sistema, seu significado e, posteriormente, se apropriar dos seus códigos.

Desse modo, observando a fala de PL que, apesar de poucas palavras, demonstrou que a Alfabetização que, concordando SOARES (2004), está vinculado com o conhecimento e

internalização das propriedades do SEA, visando a identificação das letras, consciência fonológica e, em seguida, o uso dessa aprendizagem, como habilidades linguísticas citadas pela docente, além de ser indissociável a ideia de Letramento. Assim, o processo alfabetizador na perspectiva do Letramento insere as crianças em uma cultura letrada em que as cercam, realizando dessa forma a compreensão de um sistema notacional, em que, a partir do entendimento do mesmo, terá significado e irá possibilitar a aprendizagem de regras do próprio sistema de escrita.

4.1 Características do método/concepção

No tópico em questão, será apresentado um quadro que tem por finalidade elencar as principais características do Método Fônico e da concepção do Letramento a partir da visão das docentes participantes. Tal ênfase se faz necessário para esclarecer o entendimento de cada forma e direcionamento para o processo alfabetizador por parte dos sujeitos envolvidos, como iremos analisar a seguir.

Ao questionarmos as docentes sobre a escolha pelo método de alfabetização e como acontece a condução das aulas, observamos que PF aponta que a escolha foi orientada pela sua própria experiência enquanto aluna durante o período de alfabetização, além disso aponta que o método fônico foi escolhido por ser mais direto para a aprendizagem da escrita, como podemos ver no extrato a seguir.

Eu me interessei por que você se angustia na sala de aula e também pela experiência pessoal. Eu fui alfabetizada com o método fônico. Aí assim, eu também fui de escola pública e é muito angustiante. Eu vejo meus alunos e eu passei a mesma experiência (...) e aí eu tive muita dificuldade nesse processo de alfabetização. Foi muito angustiante pra mim isso né e assim eu vejo também nos meus alunos e eu sei o que é isso na pele. quando eu fui pra faculdade e estudei métodos e essas coisas e aí ela fala alguma coisa que veio um flash de que eu passei por aquelas coisas. Aí foi quando eu tinha o contato ainda com a minha professora de reforço de infância né. E aí foi quando eu descobri que era o método da Casinha Feliz. (...) Tem mais recursos. Dá para trabalhar outras disciplinas, de forma multidisciplinar e, só que assim, têm umas coisas que eu não apresento exatamente igual ao método da Casinha Feliz, as adaptações. (...) Então o lúdico, trazer algo mais palpável, além de desenhar a letra e dizer qual é o som, algo mais colorido, atrativo(...) Têm os jogos as letrinhas tem mais recursos... eles gostam muito... e ai foi uma das coisas que eu trabalhei muito e através desses cursos que eu estou fazendo é exatamente isso, que é uma angústia. (PF)

Porque assim... o método fônico, de fato eu estou trabalhando mais esse ano(...) Eu viva esse mistura de métodos, de vários tipos e aí como eu estou fazendo esse estudo e vendo mais a questão do método fônico. É por ele ser mais explícito, não é uma coisa que eu digo fácil. É uma coisa que eu faço, que eu mostro, que eu vou construindo com eles, vou fazendo com eles e eles se sentem seguros. É um método que não deixa espaço para a criança deduzir, não. "Essa letra tem um som", eu vou mostrar esse som, eu vou mostrar como a gente faz a questão da sílaba, né. Não é uma memorização de sílabas, mas eu trabalho nessa construção de juntar um som com o outro, aí fica uma coisa muito sólida na cabeça deles. (PF)

Através das respostas destacadas acima, foi possível perceber uma certa dificuldade ao listar/apresentar as considerações que devem ser ressaltadas na escolha do método ou concepção. Assim, a PF iniciou sua fala pautada em uma experiência pessoal, em que relatou seus impasses no que diz respeito ao seu processo de alfabetização. Como também foi estudante de uma instituição pública, diz se colocar na “pele” dos alunos que não alcançam os resultados desejados no 1º ano do Ensino Fundamental e, justamente esse sentimento de aflição e o uso do método fônico para o seu desenvolvimento na alfabetização por meio de uma professora de reforço, contribuiu para seu ingresso na turma de alfabetização e nas suas práticas pedagógicas. A docente destaca que os seus estudos sobre o método e o uso do mesmo em suas turmas ainda é recente, porém já acarretam grandes resultados.

Durante a sua fala a professora não afirmou qual era o método usado na escola na sua época de estudante, sabemos ainda que em uma turma muitos fatores interferem no processo de aprendizagem, inclusive o número de estudantes. Nesse sentido, não se pode afirmar que apenas o método escolhido pela professora de reforço contribuiu para sua alfabetização.

O método “A Casinha Feliz”, citado por PF, é um tipo de Método Fônico, sendo utilizados recursos visuais que envolvem a vida de uma família para apresentação dos sons. A docente comenta, ainda, sobre outros materiais que podem ser usados para uma abordagem multidisciplinar. Partindo dessa visão, é válido destacar um dos principais pontos em que o Método fônico recebe suas críticas, isto é, a descontextualização, visto que se utiliza recursos como forma de introduzir um contexto forçado e apenas lúdico, não trabalhando os diferentes tipos de textos inseridos no contexto das crianças e não apenas em histórias contadas e que evidenciam apenas um treinamento sistematizado e repetitivo dos fonemas das letras, exigindo uma exorbitante carga cognitiva desnecessária e acarretando uma conotação abstrata em relação ao sistema de escrita (MORAIS, 2005). Assim, podemos concordar com Moraes “(...) No caso específico do método fônico, tem-se a exigência de um nível de consciência metafonológica exagerado e antinatural, além de descuidar-se do ensino da linguagem própria dos diferentes textos escritos”. (MORAIS, 2005, p. 11).

Analisando a fala de PF, de forma geral, define o Método Fônico como aquele que é explícito e não dá margem para a criança deduzir algo sobre as letras e fonemas trabalhados, além de observarmos a ausência no relato da professora do uso dos gêneros textuais no método. Sendo assim, podemos compreender o Método Fônico a partir da fala dos autores

(...) o método fônico afirma que o texto deve ser introduzido de modo gradual, com complexidade crescente, e à medida que a criança for adquirindo uma boa habilidade de fazer decodificação grafonêmica fluente, ou seja, depois que ela tiver recebido instruções explícitas e sistematizadas de consciência fonológica e de correspondência entre grafemas e fonemas. (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2007, p. 6)

O entendimento de que a Alfabetização ocorre através do estudo da unidade mínima de uma palavra, isto é, a letra, e o treinamento e memorização frequente do fonema de cada uma, ademais a ausência ou o pouco uso dos diferentes textos utilizados socialmente, são pontos de destaque do Método Fônico. E, por meio da análise dos dados, a PF enfatiza que o método utilizado não dá margem para que o aluno possa deduzir algo acerca do sistema de escrita, dessa forma, não considera as diversidades de conhecimento dos estudantes, descartando os conhecimentos prévios que todo discente possui. Assim, no que diz respeito aos métodos tradicionais de Alfabetização, ou seja, os métodos sintéticos e analíticos, as autoras LEAL, SILVA, COSTA e PIMENTEL (2020) ao citar as ideias de MORAIS (2012), concordam que “(...) esses dois grandes grupos de métodos tradicionais, embora sejam diferentes, partem de uma mesma teoria de conhecimento: o aluno como uma tabula rasa. Ambos compreendem o alfabeto como um código a ser memorizado.” (LEAL; SILVA; COSTA; PIMENTEL 2020, p. 42).

Segundo AUSUBEL,

O conhecimento é significativo por definição. Produto significativo de um processo psicológico Cognitivo (“saber”) que envolve a interação entre idéias “logicamente” (culturalmente) significativas, idéias anteriores (“ancoradas”) relevantes da estrutura cognitiva particular do aprendiz (ou estrutura dos conhecimentos deste) e o “mecanismo” mental do mesmo para aprender de forma significativa ou para adquirir e reter conhecimentos (AUSUBEL, 2000, p. 218).

Conforme mencionado anteriormente, o Método Fônico, ao não considerar os conhecimentos prévios dos estudantes, torna-se um método que não considera as especificidades de cada criança, desprezando as diferentes formas de aprender e se limitando a ensinar e abordar a Alfabetização com um mesmo padrão. Como também é desvinculado com a contextualização e fortalece uma aprendizagem não significativa do sistema de escrita, visto que também ignora ou retarda o uso frequente dos diversos tipos de textos do cotidiano dos estudantes e, principalmente, cada vez mais abstrato para os mesmos.

A professora PL, diferentemente da professora anterior, considera a o interesse da turma em relação aos textos escolhidos, valorizando o trabalho com gêneros textuais, como podemos observar no extrato a seguir.

Eu trabalho sempre partindo do início do nome deles e poemas, cantigas que tragam referências que tragam referência do nome das crianças, inicialmente. Não assim, seguindo a ordem alfabética do A ao Z, mas de forma aleatória. Sempre, sempre trabalho com gêneros, nunca trabalho com algo solto não, sempre parto de algum ponto. (...) Eu percebo mais pelo perfil da minha turma, eu escolho meu texto e assim, são vários textos que a gente pode escolher, né, desde um poema que eu sei que vai atrair a atenção deles, então assim, todo o texto que eu trago é pensando na turma. Como também desenvolver com as crianças. (PL)

O letramento eu trago pra inserir ele nessa prática assim de textos, né. Trago textos que tragam uma reflexão, textos que também eles veem em casa, porque assim(...) textos que são do cotidiano deles, como cantiga de roda que eu sempre

trabalho no começo na sequência didática. Esse ano eu trabalhei no primeiro bimestre, sequências com cantigas e depois com parlendas. Porque assim, eles gostam muito dessa apropriação da escrita e avançar nas hipóteses e também nessas questões e também ficam com repertório(...). (PL)

Observando os aspectos traçados pela PL, percebe-se que ela não deixa claro os pontos mais relevantes na seleção da abordagem de alfabetização adotado por ela. Contudo, a docente descreve como se dá a sua prática tomando por base a alfabetização na perspectiva do letramento. Uma das primeiras atividades citadas pela docente é o uso e estudo voltada para o nome próprio do estudante que proporciona o reconhecimento do sistema de escrita alfabética por meio da análise linguística de palavras estáveis. De acordo com COUTINHO, podemos considerar que

O trabalho com palavras estáveis, como os nomes dos alunos da turma, também pode auxiliar na percepção de que partes iguais se escrevem de forma semelhante, e partes (sílabas ou letras) presentes no nome de um aluno também podem ser encontradas nos nomes de outros colegas. (COUTINHO, 2005, p. 54)

Além disso, o cuidado citado ao analisar o perfil da turma, pois a partir desse aspecto, é válido definir como a Alfabetização será tratada em sala de aula que, nesse caso, a docente fundamenta os momentos vivenciados com os alunos através da utilização dos gêneros textuais que possam estar de acordo com os discentes e “pensando na turma”, não só como uma forma de chamar a atenção dos mesmos, mas considerar um interesse e relação com seu contexto.

Segundo SOARES,

(...) se denomina letramento, de que são muitas as facetas – imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito (...). (SOARES, 2003, p. 15)

Portanto, a PL baseia e parte de uma concepção significativa para os alunos, pois, o que pode ser mais intrigante e curioso do que compreender as diversas formas de escrever vistas no cotidiano dos mesmos, além de inseri-los de forma direta com uma sociedade letrada e compreender o seu sistema e finalidade. Além de evidenciar, mais de uma vez, a introdução dos gêneros e tipos de textos e que não são apenas mostrados e analisados, mas que trazem uma reflexão acerca dos mesmos, sendo um principal aspecto da concepção do Letramento, e também cita o gosto pela “apropriação da escrita” e avanço nos níveis das hipóteses por parte dos educandos.

Como SOARES (2003) distingue Alfabetização de Letramento, fica claro as diferentes atuações de cada termo no processo alfabetizador, visto que a Alfabetização é um processo de obtenção do sistema convencional de escrita, em que são trabalhadas as habilidades de escrita, identificação das relações fonema-grafema, a consciência fonológica, entre outros pontos.

Enquanto o Letramento, como já destacado no momento anterior, vai proporcionar a criança o entendimento dos gêneros textuais e seu aprofundamento em uma sociedade letrada.

Todavia, apesar dos diferentes termos possuírem distintas definições, são indissociáveis, pois

(...)a alfabetização desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em de pendência da alfabetização. (SOARES, 2003, p. 14)

Desse modo, como podemos perceber no relato da PL, o Letramento não é apenas o envolvimento do estudante nos tipos de textos que envolve o contexto social, mas também um estudo organizado do sistema de escrita alfabética (SEA), que, posteriormente, utilizará do repertório proporcionado pelo processo de Letramento e a aquisição das habilidades de escrita para elaborar e se expressar de forma autêntica. Tomando como base tal pensamento, podemos concordar com MORAIS:

Não existe nenhuma oposição em alfabetizar e letrar ao mesmo tempo. Para não promover exclusão, o ideal é aliar um ensino sistemático de notação alfabética com a vivência cotidiana de práticas letradas, que permitam ao estudante se apropriar das características e finalidades dos gêneros escritos que circulem socialmente. (MORAIS, 2005, p. 12)

4.2 Prática pedagógica

A partir da análise das observações realizadas e trechos das entrevistas, serão apresentados os dados coletados acerca da prática pedagógica de cada professora, no qual foi dedicado um dia de observação para cada docente. Nos quadros seguintes dessa categoria, decorrerão o detalhamento das atividades de cunho alfabetizador da docente que adota o método fônico e, da mesma forma, da profissional que utiliza a concepção do letramento para que haja um esclarecimento de ambas as formas de atuação na Alfabetização e reconhecendo suas potencialidades e possíveis limitações.

Quadro 3. Detalhamento das atividades de alfabetização pela PF

ATIVIDADE	TEMPO GASTO	DESCRIÇÃO
1- Relembrando o alfabeto	20 minutos	A professora utilizou o alfabeto que era anexado no quadro e cada letra era acompanhada por uma palavra e uma figura. Os alunos eram solicitados a falarem o nome das letras em ordem alfabética, mas no momento de cada uma delas, os mesmos deveriam reproduzir seu fonema e sua tradução em LIBRAS. As crianças eram levadas a treinarem a gesticulação dos lábios e som correto, sendo orientadas também a representarem diferentes sons para uma única letra, como a vogal “E”. No momento da consoante “Q”, a professora utilizou o quadro para apresentar seu padrão

		silábico e propôs que os alunos repetissem as sílabas formadas e lembrou sua classificação como dígrafos. Em seguida, pediu que as crianças falassem palavras que tais sílabas se fizessem presentes e continuou até finalizar o alfabeto. Durante essa atividade, a maioria dos estudantes apresentaram domínio na reprodução dos fonemas isolados de cada letra, sem que houvesse um valor silábico e sim de unidade de cada sinal gráfico.
2- Relembrando parlenda	a 15 minutos	A parlenda “A velha a fiar” foi trabalhada durante a semanas com os alunos e foi solicitado a produção de um cartaz apenas com as imagens citadas na mesma. Assim, a professora utilizou o cartaz de uma das aulas para cantar a parlenda utilizando apenas os desenhos e todos os alunos se mostraram bem familiarizados com a dinâmica, visto que a parlenda utiliza da repetição e acúmulo de elementos, além de ser trabalhado o ritmo e velocidade, em que os discentes marcavam batendo nas mesas.
3- Jogo de alfabetização	1 hora	<p>A professora solicitou que os alunos sentassem em círculo e fez a divisão dos mesmos em duplas, indicando e formando cada uma delas. Utilizou então um jogo já conhecido pela turma, sendo ele composto por cartelas que eram feitas por quatro figuras e ao lado de cada uma se destinava o espaço de quatro letras em que os alunos eram desafios a montar o nome dos desenhos. As palavras solicitadas eram nomes simples de quatro letras e duas sílabas e as peças utilizadas para montá-los representavam cada letra isolada. O jogo usado não foi criado pela professora e eram todo feito de MDF.</p> <p>As cartelas foram distribuídas por dupla e a docente solicitou que cada criança observasse as figuras presentes em suas cartelas e que pensassem sobre quais eram os sons das letras para formar cada palavra, evidenciando primeiramente o seu fonema e, em seguida, identificando a letra que representava o respectivo som. Após esse momento, a docente espalhou as peças que representavam as letras no meio do círculo formado e, chamando uma dupla por vez, com o intuito de verificar o desempenho dos alunos de forma mais vigilante, pediu que os estudantes formassem as palavras, utilizando o mesmo procedimento que estavam fazendo em duplas.</p> <p>A ênfase nos fonemas isolados de cada letra era como um direcionamento fiel para os alunos e uma solicitação inquestionável pela professora, sendo necessário que a mesma reproduzisse o fonema isolado quando algum estudante apresentava dificuldade, enquanto os outros que tinham uma melhor memorização dos sons articulavam de forma mais independente. Dessa forma, a professora sempre direcionava perguntas para que os estudantes relembassem o fonema das letras e reproduzissem logo em seguida, além disso, os que conseguiam seguir os critérios e corresponder ao que era solicitado pela docente (a reprodução dos fonemas e identificação das letras), eram bastante elogiados. Quando a dupla finalizada a cartela, os alunos tiravam as letras e deveriam montá-la novamente e, os que demonstravam dificuldades na formação das palavras, a professora pediu que os alunos que já estavam em um nível mais avançado, ajudassem os outros.</p>

Fonte: A autora, 2022.

Diante das informações coletadas na observação diária da PF, ocorre uma demonstração clara do uso do Método Fônico no processo de Alfabetização. Fica evidente a fidelidade com a reprodução dos fonemas das letras de forma isolada e sem uma reflexão significativa, isto é, uma relação direta com o contexto da turma e o conceito da Língua

Portuguesa apenas como código.

Na atividade 1, o alfabeto é de forma sistematizada e regido por sua ordem e memorização/reprodução de suas relações grafofônicas. Assim, a compreensão de um sistema notacional não é valorizada, visto que as letras e sua ligação com sons não são trabalhados em um âmbito social e cultural, no qual o estudante faz parte como sujeito de uma sociedade letrada. A estratégia didática regida pela professora se resume a uma repetição exaustiva, sendo bem próxima a um treinamento, que exige da criança uma estrutura cognitiva complexa e sem nexo a sua realidade.

Entretanto, apesar dos pontos já citados sobre o exercício em questão, sendo o mesmo visto como possíveis limitadores no processo de Alfabetização, é válido ressaltar a inserção do estudo da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) que, mesmo não estando presente um estudante que necessite de tal tradução, a professora compreendeu a importância desse conhecimento por parte dos alunos como forma de uma inclusão não somente em um espaço escolar, mas também na esfera social.

A atividade seguinte, denominada como “Relembrando a parlenda”, é possível perceber a introdução de um tipo de gênero textual, ou seja, a parlenda. Nesse caso, a docente já havia trabalhado a parlenda “A velha a fiar” nas aulas anteriores e propôs uma recapitulação do exercício, na qual usou imagens que faziam parte dos versos e todos os discentes se mostraram bastante interessados com a dinâmica, pois, além disso, realizavam marcações batendo nas mesas como forma de evidenciar o ritmo e velocidade.

Porém, o recurso utilizado pela PF não apresentava o nome das figuras em sua forma escrita, sendo uma boa oportunidade de trabalhar a representação das palavras cantadas e por ser uma habilidade ainda favorecida pela repetição que a parlenda proporciona. Dessa forma, até o segundo momento é destacado na análise dos dados em questão, a não representação escrita e sim apenas das letras isoladas, além da não utilização de textos. Além disso, a entrada de um gênero na sala de aula não teve a finalidade de exploração do mesmo. O objetivo foi apenas isolar os fonemas de algumas palavras presentes no texto.

Por fim, a atividade 3 é guiada pela utilização de um jogo que é conduzido a partir da formação de duplas e, posteriormente, em trios, valorizando a interação dos estudantes que se apresentam em níveis de escrita distintos, enfatizando um ponto positivo como estratégia didática. Desse modo, ao decorrer do jogo, fica claro a necessidade da repetição dos fonemas de cada letra, em que os alunos que representavam uma maior dificuldade na reprodução dos mesmos, eram desafiados pela professora para refazê-los até uma sonoridade “perfeita”. Para a leitura das palavras formadas, as sílabas eram lidas, primeiramente, pelo som de cada letra que as formavam e, em seguida, ocorria a junção dos sons e assim sucessivamente.

Segundo uma das falas da PF durante a entrevista, é notório a não/pouca utilização de

fichas ou folhas para a escrita por parte dos alunos, pois, ressaltando as palavras da professora

(...) as séries de alfabetização no Brasil se prendem muito ao papel de ter que ter atividade no papel, porque só é atividade de escrever no papel, que vai pra casa e volta. E eu comecei a trabalhar isso na minha mente e que isso não traz resultado(...) isso é triste para a criança porque não gera prazer, não gera aprendizado e a gente não vê resultado(...) não é algo que eu abandono o papel de vez, mas não é aquilo que é a prioridade. (Extrato do relato da PF durante a entrevista).

Como afirmação do trecho destacado anteriormente e tomando como base o dia em que a observação foi realizada, não foi proposto para os estudantes em nenhum momento o uso da escrita, visto que durante os horários destinados as atividades de Alfabetização se resumiam a oralidade e restringiam-se as correspondências som-grafia através do estudo do alfabeto e do jogo utilizado nos momentos já citados acima. Desse modo, em conjunto com a análise do extrato da entrevista da PF, podemos considerar, de forma geral, que o uso da escrita por parte dos alunos é um aspecto ausente durante as aulas ministradas pela professora, pois é entendido como uma prática que não gera resultados no processo de aprendizagem.

A seguir, serão apresentadas as descrições das atividades desenvolvidas pela PL durante a observação realizada e destacada no quadro abaixo.

Quadro 4. Detalhamento das atividades de alfabetização pela PL

ATIVIDADE	TEMPO GASTO	DESCRIÇÃO
1- Rotina	10 minutos	A professora iniciou o primeiro para registrar a rotina do dia no quadro. A partir do título “ROTINA”, solicitou que os alunos realizassem a contagem das sílabas, com a colaboração e envolvimento dos alunos utilizou traços marcadores embaixo de cada sílaba para representar a contagem e numerou cada parte. Em seguida, perguntou qual seria a sílaba inicial, medial e final da palavra, além de pedir que alunos contassem as letras de forma isoladas e falassem seus nomes, sendo também dados registrados no quadro. A professora fez o mesmo procedimento com a palavra “NUBLADO” que logo faria parte das atividades do dia. Em seguida, foi registrado no quadro o dia da semana, data e como estava o tempo daquele dia. Toda a rotina foi construída com a colaboração dos alunos, inclusive os mesmos marcaram no calendário em que tinham no caderno de forma individual a data. Ademais, foi definido e registrado o ajudante do dia e a contagem de meninas e meninos que estavam presentes, em que a professora utilizou as letras M (masculino) e F (feminino) e representou os números com traços e algarismos. Por fim, seguiu a rotina como: Aula, atividade, merenda, livro, história e casa.
2- Aula de português - Gênero Textual Receita	45 minutos	A professora iniciou uma conversa sobre os diferentes tipos de textos, em que os alunos começaram a citar alguns dos gêneros textuais já trabalhados em sala de aula, como: parlendas, lendas, trava-língua, quadrilha e cantigas. Todas as vezes que era falado sobre um tipo de texto, a docente solicitava que os alunos dessem

		<p>exemplos sobre o mesmo e fazia as devidas correções quando acontecia uma confusão entre alguns gêneros. Além disso, trouxe a definição de cada texto que foi relatado. A partir disso, a professora explica que o tipo de texto que será estudado é a RECEITA. Os alunos expressam seus conhecimentos prévios acerca de tal gênero e trazem suas experiências pessoais, muitas vezes no âmbito familiar. Os alunos também são questionados se a receita só é para comidas e eles tentam alguns palpites para responder à questão lançada, entretanto a professora os auxilia e explica que as receitas também são usadas por médicos quando solicitam remédios. A professora fixa no quadro uma receita de salada de frutas e relaciona com o tema “Alimentação saudável” e conversa com os alunos sobre quem gosta de frutas e a importância das mesmas. Em seguida, os alunos são questionados sobre o que se tem em uma receita de salada de frutas e, em meio aos comentários, a docente solicita que os estudantes leiam a receita no quadro e pergunta como o texto de uma receita é organizado de forma estrutural. A partir das respostas dos alunos, a professora explica de maneira separada sobre o título, os ingredientes e o modo de fazer da receita. É pedido que uma aluna da turma faça a leitura da receita e inicia um debate sobre quais as frutas usadas na receita estudada e quais as frutas preferidas dos estudantes. Outra aluna é chamada para identificar a palavra “BANANAS” na receita e circular, após isso a professora pergunta sobre a letra inicial e final da palavra selecionada e, através dos comentários dos alunos, levanta uma discussão sobre plural. É válido ressaltar que a professora não usou os termos “plural” e “singular”, mas explicou o uso do “S” no fim das palavras quando se trata de uma quantidade igual ou maior que dois. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo, visto que também foram abordados nos demais ingredientes da receita, como “MORANGOS”, “MAÇÃS” e “MAMÕES”, dando início sempre com a identificação da palavra por parte de um aluno escolhido para circular. É importante destacar que também foi trabalhado o som do “N” no fim da sílaba quando foi identificado a palavra “MORANGOS” e o uso do “~” na palavra “MAÇÃS”. Depois da análise de cada fruta citada na receita, os alunos são levados a comparar os ingredientes que iniciam com a mesma letra, isto é, todas as frutas que começam com “M”. E, para finalizar a etapa dos ingredientes, a professora fala sobre o leite condensado e os diferentes tipos de leite que são vendidos nos mercados e os alunos comentam sobre qual leite é mais comum tem em suas casas e as diferentes receitas que também são usadas leite em seu preparo. Em decorrência do tempo, a professora passa de forma mais rápida sobre o modo de preparo da receita, evidenciando apenas com a leitura e explicando que os passos são feitos para serem seguidos, pois isso garante um bom resultado da receita.</p>
3- Ficha de atividade	40 minutos	A professora entrega para todos os alunos uma atividade na ficha e solicita que todos respondam seguindo o seu comando. Primeiro foi pedido que os estudantes circulassem o título da receita, sendo a mesma receita

		<p>que foi estudada no momento anterior, em seguida, os ingredientes, porém de cores diferentes para cada um deles. Após o lanche das crianças, as mesmas voltaram para concluir a segunda parte da atividade, que continha perguntas e respostas de múltipla escolha. A professora solicitou que uma aluna lesse para toda a turma e todos os alunos respondiam em voz alta para depois registrar em suas fichas. As fichas serão anexadas nos cadernos dos alunos e para isso a docente solicita que todos escrevam o nome da escola e data, em que registra no quadro tanto com a letra bastão quanto com a letra cursiva, visto que cada criança deve escrever no modo que consegue realizar.</p>
--	--	---

Fonte: A autora, 2022.

O detalhamento da atividade 1, corresponde ao início do horário dos estudantes na sala de aula, no qual a professora dedica um momento para a construção da rotina diária. A elaboração de um roteiro de horários é uma prática comum feita pelos alunos em conjunto com a docente, entretanto, a mesma utiliza um hábito do cotidiano para a implementação de um estudo alfabetizador, isto é, a ênfase em habilidades que são desenvolvidas no processo de Alfabetização, como a contagem e identificação das sílabas (inicial, medial e final), o reconhecimento de letras isoladas a partir de uma palavra, similarmente articulando conhecimentos matemáticos acerca da representação de algarismos em quantidades e desenhos. É importante ressaltar a exibição da rotina escolar em sua forma escrita, na qual todos os alunos possuem o acesso de verificar durante todas as atividades que serão praticadas.

No momento dedicado a aula de português, é possível perceber o enfoque em um gênero textual específico, nesse caso, a receita. O tipo de texto escolhido esteve presente durante todo o tempo gasto na atividade 2 e direcionou o processo de Alfabetização e os assuntos satélites em que a professora e os alunos expressavam em suas falas ao decorrer da mesma, característica bem marcando da concepção do Letramento. Dito isso, a PL introduz e relembra os variados tipos de textos já estudados com seus discentes e enfatiza o entendimento da existência dos gêneros textuais e sua diversidade, permitindo que os estudantes comentem de acordo com os conhecimentos construídos em aula anteriores.

Ao relatar o tipo de texto que seria estudado, a professora estimula que os alunos contribuam com depoimentos pessoais, evidenciando novamente a ingressão dos educandos como sujeitos ativos e que possuem conhecimentos prévios, aumentando seus interesses acerca do tema trabalhado. A partir disso, a discussão sobre alimentação saudável também enriquece o momento vivenciado.

Ao decorrer da ministração da aula e promovendo os alunos a um envolvimento integral acerca do gênero, fica claro o ensino da escrita alfabética e as reflexões conduzidas pela professora acerca do funcionamento do sistema notacional, dessa forma, pode ser destacado

pontos como o uso de número dos substantivos (singular e plural), as relações grafofônicas através do emprego do “~” e “N” e a identificação de uma letra inicial semelhante entre um grupo de palavras. Como também a meditação que envolve a utilização do gênero textual receita em um âmbito social e funcional.

Em síntese, a última atividade descrita foi uma atividade realizada na ficha que continha a mesma receita estudada pela turma no momento anterior, proporcionando uma ligação contínua entre ambos os períodos. A solicitação de seguir o mesmo processo feito de forma coletiva e, naquele momento, de forma individual, proporcionou aos alunos uma intencionalidade pedagógica com o intuito de atender as crianças em seu desenvolvimento de Alfabetização, ou seja, através da identificação e comparação de palavras e interpretação sobre o texto abordado.

Quanto ao isso de fichas e livro didático, a PL se diferencia de forma marcante da PF, pois, de acordo com suas próprias palavras, salienta que

(...) também aproveito os textos que vem no livro, porque no caso o meu planejamento com o livro didático pra as minhas atividades estarão também, né, dentro do livro. Também vem muitas cantigas, poemas, parlendas, tem também as histórias infantis, aí no próximo planejamento também levando em consideração os textos que vão ser trabalhados no livro didático. Eu também trago atividades nas folhas, mas também trago também a do livro pra eles verem essa relação. Eu parto da parlenda pra depois trabalhar a parlenda do livro. (Extrato do relato da PL durante a entrevista)

O uso da escrita é bastante presente na prática desenvolvida pela professora que adota a concepção do Letramento, em que argumenta sobre o repertório que pode ser utilizado a partir do livro e compreender que os textos ali trabalhados podem ser desenvolvidos e compreendidos pela sua turma. Ademais, como forma de atender os aspectos desenvolvidos na Alfabetização pelo Letramento, o exercício da escrita promove, não apenas a imersão dos estudantes como sujeitos que fazem parte de uma sociedade letrada, mas também como aqueles que se encontram em um processo de desenvolvimento e de aquisição do sistema de escrita para que sejam agentes ativos que devem estruturar e se comunicaram por meio da mesma através suas práticas sociais.

Por conseguinte, as informações apresentadas pelas observações e trechos da entrevista testificam a prática pedagógica de cada professora de acordo com o método/concepção adotado, compreendendo suas estratégias didáticas que, em geral, se diferenciam em pontos como: utilização ou ausência de textos e gêneros textuais, ênfase na reprodução de fonemas isolados (códigos) ou compreensão do sistema notacional, falta ou consumo de atividades de escrita no papel, estímulo ou bloqueio da participação ativa dos estudantes nas aulas, entre outros aspectos. Entretanto, um ponto em que as participantes se assemelham de forma absoluta, é a confiança e a crença do no Método Fônico ou da perspectiva do Letramento no processo de Alfabetização. Podemos marcar extratos das entrevistas para embasar tal afirmação, como é comprovado pela

fala da PL a seguir:

É, é isso que acredito. A gente trabalha nessa perspectiva do letramento. Trazendo aos textos que ficam mais próximos da criança para facilitar esse processo de alfabetização. Também inserir elas nesse contexto e letramento. (Extrato do relato da PL durante a entrevista)

Além disso, quando questionada sobre os níveis de escrita apresentados pelos estudantes da turma, comenta que “a maioria está no silábico e boa parte no alfabético e silábico alfabético e poucos no pré-silábico”. (Extrato do relato da PL durante a entrevista)

Já a PF, quando direcionada a pergunta se a mesma acredita e defende o método, diz que “com certeza! Assim, para mim, de anos de sala de aula, eu nunca tive um resultado tão rápido eu estou tendo esse ano”. (Extrato do relato da PL durante a entrevista)

E, citando os resultados, expressa que

Eles ainda estão no processo das letras do próprio nome... tem meninos que já estão alfabetizados. (...) No geral da turma mesmo, no quantitativo da turma, está se encaminhando para um silábico e eu estou muito satisfeita com isso, porque eu sei que eles estão avançando. (...). (Extrato do relato da PL durante a entrevista)

A partir da visão e análise de suas falas, as docentes relatam resultados já palpáveis por parte dos alunos e expressão sua fidelidade tanto ao Método Fônico quanto a concepção do Letramento, como também demonstram a natural heterogeneidade em referência aos níveis de escrita das turmas. Sendo assim, se faz necessário frisar as habilidades linguísticas que estão sendo estimuladas e desenvolvidas no processo de Alfabetização, pois, segundo MORAIS (2005): “(...) é também indicador de ignorância de nossa realidade educacional crer que existem métodos milagrosos ou que os métodos, por si sós, garantiriam o sucesso dos alfabetizandos” (MORAIS, 2005, p. 4).

Outra questão para se refletir a partir da fala de PF é quando ela destaca que na sua sala já tem estudantes alfabetizados. Estar alfabetizado também depende da concepção de alfabetização adotada. A docente concebe a escrita enquanto um código, nesse sentido estar alfabetizado corresponde ao domínio da escrita de palavras isoladas e leitura das mesmas, ou seja, um processo de codificação/decodificação.

Dessa forma, o Método Fônico pode e tem o objetivo de promover a codificação e decodificação de palavras, porém “têm várias limitações na capacidade de produzir e compreender os textos de circulação social” (MORAIS, 2005, p. 8) e “submetem a criança a textos surrealmente artificiais e limitados, contribuindo para a deformação das competências envolvidas na leitura e produção de textos.” (MORAIS, 2005, p. 11). Enquanto isso, na concepção do Letramento, a ingresso dos indivíduos promove a aquisição do sistema convencional da escrita, mas também “o desenvolvimento de habilidades textuais de leitura e de

escrita, o convívio com tipos e gêneros variados de textos e de portadores de textos, a compreensão das funções da escrita.” (SOARES, 2004, p. 15), ou seja, as habilidades linguísticas fomentadas em tal perspectiva, além de trabalhar o entendimento dos tipos de textos no âmbito social, compromete que os estudantes utilizem e elaborem de forma autêntica as diferentes formas de escrever e estruturar a escrita, de acordo com a finalidade estabelecida.

5 Considerações Finais

O objetivo desta pesquisa foi o de analisar as práticas docentes de Alfabetização com base no método fônico e na concepção de alfabetização na perspectiva do letramento, através dos sujeitos participantes em conformidade com critérios preestabelecidos.

Nos casos analisados, é possível descrever e pontuar as principais características do método e concepção em que a pesquisa foi baseada por meio das práticas de cada professora. Sendo assim, o Método Fônico fundamenta sua concepção de Alfabetização de forma limitada, ou seja, a escrita é compreendida como um código que deve ser internalizado pelos estudantes antes mesmo de suas experiências no que diz respeito aos gêneros textuais que circulam socialmente.

A partir dessa visão, o processo alfabetizador se resume a uma reprodução e memorização de forma intensiva da relação grafema-fonema de maneira isolada, ignorando dessa forma o uso de uma língua que está inserida em um contexto e que é estabelecida por regras específicas, portanto, diante de uma postura contestável, a PF considera seus alfabetizandos como indivíduos que não possam contribuir com suas considerações na trajetória da Alfabetização, restando-lhes somente uma aprendizagem privativa e que se compromete em atender habilidades como a codificação/decodificação.

Em contrapartida, a concepção do Letramento favorece a introdução da diversidade de textos no processo alfabetizador e, por meio da compreensão dos mesmos, agrega reflexões acerca de um sistema notacional, isto é, que vai além de símbolos e é formulado por propriedades, além disso, as crianças constroem o entendimento que a escrita é utilizada para uma configuração social e cultural e se encontra em unidade a uma língua que é usada pelos indivíduos. Desse modo, a inversão de atuação do desenvolvimento da Alfabetização na perspectiva do Letramento em relação ao método anteriormente citado, é evidenciado pelo emprego de textos que promovem uma abordagem que observa o estudante como detentores de conhecimentos, sendo os mesmos valorizados nos momentos de aula como visto nas falas e rotina da PL, e, conseqüentemente, envolve habilidades linguísticas importantes para o desdobramento da leitura e produções de textos.

Os resultados da pesquisa também apresentam as distintas estratégias didáticas assumidas

pelos docentes, como pode ser percebido pela frequência ou ausência do uso da escrita. Durante a análise dos dados, fica claro o quase abandono da escrita por parte da PF enquanto a PL considera a importância do exercício da escrita, ressaltando assim a concepção do Letramento que não se preocupa apenas com a ingresso do aluno em um ambiente letrado, mas que o mesmo também promova expressões por meio da escrita. Todavia, a PF administrada suas aulas, principalmente, através da oralidade, o que pode gerar lacunas em competências específicas no eixo linguístico. Ademais, uma estratégia didática positiva visualizada pela PF foi a união de alunos em diferentes níveis de escrita, possibilitando uma troca entre os educandos que beneficia o processo de Alfabetização.

Quanto aos recursos utilizados por ambas as docentes, é notória a falta de contextualização por meio da abordagem do Método Fônico, pois, como já foi citado em tópicos antecedentes, aos materiais selecionados e destinado a aula não acarretam uma ligação significativa para os alunos e se resume em um treinamento fonético das letras. Porém, em oposição, a implementação dos diferentes tipos de textos em que as crianças já carregam um significado é uma forma significativa que a perspectiva do Letramento acrescenta no processo alfabetizador. E também proporciona a interdisciplinaridade de assuntos diversos e, conseqüentemente, de outros componentes curriculares.

Apesar das docentes apontarem um avanço no nível de escrita de seus estudantes, é válido ressaltar a provável defasagem em competências linguísticas, como o desenvolvimento de leitura e produção de textos por parte dos que foram submetidos ao Método Fônico, sendo que ao mesmo tempo, a concepção do Letramento amplia tais habilidades em seu desenvolvimento e não anula a possibilidade alfabetizar e letrar simultaneamente.

Por fim, é aceitável salientar que o resultado do artigo deve contribuir para um melhor esclarecimento das práticas adotadas pelo Método Fônico e a concepção do Letramento no processo de Alfabetização, além de fomentar e favorecer as discussões acerca retorno e defesa dos antigos métodos, principalmente o fônico (sintético), nas instituições de ensino e, conseqüentemente, nas práticas desenvolvidas pelos alfabetizadores no processo de Alfabetização.

Referências

AUSUBEL, David. **Aquisição e retenção de conhecimentos:** uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano edições técnicas, 2000. Tradução do original: *The acquisition and retention of knowledge*.

BRASLAVSKY, Berta. **O método:** panaceia, negação ou pedagogia? São Paulo: Cad. Pesq., 1988.

CAPOVILLA, Alessandra; CAPOVILLA, Fernando. **Alfabetização:** método fônico. São Paulo: Memnon, 2007.

COUTINHO, Marília. Psicogênese da língua escrita: o que é? Como intervir em cada uma das

hipóteses? Uma conversa entre professores. In: MORAIS, Artur; ALBUQUERQUE, Eliana; LEAL, Telma (org.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 47-69.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSK, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1985.

KLEIN, Rejane. **Linguagem e alfabetização**. Guarapuava: Ed. Da Unicentro, 2011. · LEAL, Kátia; SILVA, Virgínia; COSTA, Patrícia; PIMENTEL, Rayssa. **Prática docente: as diferentes dimensões do processo de alfabetização**. Alagoas: Debates em Educação, 2020.

LEAL, Telma Ferraz et al. **Prática docente: as diferentes dimensões do processo de alfabetização. Debates em Educação**, Maceió, n. 12, p. 40-56, set. 2020. ISSN 2175-6600.

LEAL, Telma. **Currículo no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: os direitos de aprendizagem em discussão**. Juiz de Fora: Educ. Foco, Edição Especial, 2015. LÜDKE, Megan; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1986.

MORAIS, Artur. **Concepções e metodologias de alfabetização: por que é preciso ir além da discussão sobre velhos “métodos”?**

MORAIS, Artur. **Consciência fonológica na educação infantil e no clico de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MORAIS, Artur. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isso tem para a alfabetização? In: MORAIS, Artur; ALBUQUERQUE, Eliana; LEAL, Telma (org.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 29-46.

MORAIS, Artur. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SOARES, Magda. **Alfalettrar: toda criança aprende a ler a escrever**. Minas Gerais: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Minas Gerais: Revista Brasileira de Educação, 2004.